

**Do produtivismo científico aos problemas de coautoria: considerações sobre a má  
conduta na pós-graduação**

Victor Silva

Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGAdm  
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Karine de Jesus Rodrigues Santana

Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGAdm  
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

## Resumo

O presente artigo aborda, de maneira introdutória, sobre os problemas de coautoria na pós-graduação, partindo do entendimento que essa má conduta está relacionada com o produtivismo científico, que, de certa forma, é incentivado pelos programas de pós-graduação. Com o objetivo de identificar os problemas de coautoria na pós-graduação, a partir da perspectiva dos discentes, realizou-se uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e de finalidade descritiva e exploratória, cujo material empírico foi obtido por meio de entrevistas com estudantes ou egressos de três diferentes cursos de pós-graduação de uma mesma instituição de ensino de Minas Gerais. Os entrevistados foram alcançados por conveniência e eles responderam a um questionário, online e de questões abertas, por meio das quais puderam relatar sobre as más condutas de coautoria nos seus cursos, a partir de suas perspectivas. Pelos resultados, identificou-se que a coautoria cerimonial é praticada pelos estudantes, a partir do incentivo ou obrigatoriedade dos professores, incluindo-os como coautores ou até mesmo outros professores, que apenas avaliaram o trabalho. Esses resultados indicam, ainda, a importância de estudar as vivências acadêmicas dos estudantes de pós-graduação, para entender esse e outros problemas, decorrentes da relação desigual entre os programas de pós-graduação e os alunos, bem como seus mecanismos de resistências.

**Palavras-chave:** Pós-graduação; Produtivismo; Má conduta acadêmica; Coautoria.

## Introdução

O produtivismo acadêmico pode ser entendido, a partir de Alcadipani (2011) como a ênfase exacerbada na produção e publicação de artigos científicos, com pouca substância e conteúdo, valorizando, desse modo, a quantidade produzida, em detrimento da formação. O autor traz que a lógica gerencialista nas universidades gera muitas distorções. Os programas de pós-graduação exigem que os alunos produzam artigos para eventos científicos, e pressionam os professores a produzirem, e, por não conseguirem conciliar com outras demandas do seu ofício, acabando terceirizando essa produção científica para seus estudantes. Como resultado, tem-se uma formação de aluno de pós-graduação sugada pela produção de artigos inúteis e inconsistentes, em que o que vale é a pontuação e não a produção do conhecimento (ALCADIPANI, 2011).

A pós-graduação, pela forma como é avaliada e avalia os seus estudantes, contribui para que o produtivismo se perpetue nas academias científicas (MOURAD, 2021). Um dos problemas decorrentes desse produtivismo é a questão da coautoria (ROSSONI, 2018), em que professores exigem que seus estudantes escrevam artigos, incluindo-o como coautor, sendo que pouco ou nada contribuiu para a produção da pesquisa e do texto (ALCADIPANI, 2011).

Diante disso, fez-se a seguinte pergunta de pesquisa: na perspectiva dos seus estudantes, quais são os problemas de coautoria existentes na pós-graduação? O objetivo da pesquisa consiste em identificar os problemas de coautoria na pós-graduação, a partir da perspectiva dos discentes. Este é um estudo introdutório e em andamento, cujo intuito é, a partir dos resultados encontrados, trazer questões a serem exploradas em outras pesquisas.

Na próxima seção, que constitui o referencial teórico do artigo, será abordado o produtivismo acadêmico e a questão da coautoria nas pesquisas da pós-graduação.

### **O produtivismo acadêmico e a coautoria na pós-graduação**

O produtivismo acadêmico é, segundo Severiano Junior e outros (2021), uma prática nociva à ciência, em que o pesquisador é pressionado, de forma normativa e institucional, a ter um determinado número de produção científica, seja para manter-se em programas de pós-graduação, como no caso dos professores, seja para ser aprovado nas disciplinas, como no caso dos estudantes. Sendo uma prática que vem se tornando cada vez mais comum, o produtivismo acadêmico de um programa de pós-graduação influencia diretamente no aumento da produção individual de cada pesquisador, especialmente a dos professores associados a ele (SEVERIANO JUNIOR et al., 2021).

Mourad (2021) traz que, na pós-graduação, as métricas quantitativas sobre a produção científica são utilizadas na classificação dos programas, na categorização do pesquisador, e na estratificação dos periódicos e eventos científicos. Para o autor, essa pressão gerada pela lógica produtivista impacta os atores envolvidos na produção do conhecimento, que, por consequência, acabam resultando em produções sem rigor e de baixa qualidade.

Segundo Magnin, Faria e Petean (2022, p. 32), o trabalho do pesquisador é “fragmentado, dividido entre atividades secundárias e principais, tendo em vista a absoluta e mandatória necessidade de pontuar, de acordo com um fazer utilitarista”, e, posto isso, “o contato cotidiano com o aluno, com os pares, estar em sala de aula, é irrelevante”, já que a necessidade de publicar se impõe às demais. Assim, o desejo e o empenho dos pesquisadores em atender aos critérios de avaliação acabam direcionando a sua produção acadêmica (MAGNIN; FARIA; PETEAN, 2022).

Analisando o produtivismo na pós-graduação em Administração frente às políticas de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Magnin e outros (2020, p. 295) verificaram que os pesquisadores brasileiros “sentem-se em um ‘campo de batalha’, onde é preciso lutar em todas as dimensões: pelo financiamento para a pesquisa, pela bolsa de iniciação científica, pelo parecer favorável à publicação”, além de orientações de estudantes, elaboração de novos projetos de pesquisa, prestação de contas, atualização dos seus currículos, dentre outros. Com isso, “o pesquisador demonstrou-se exausto, não de uma luta coletiva pela mudança nos rumos da academia, mas de uma batalha individual em que se dedica ao máximo para manter-se competitivo no ringue do vale-tudo” (MAGNIN et al., 2020, p. 295).

Magnin e outros (2020, p. 296) acrescentam que “as atuais políticas de avaliação da CAPES, da forma como têm sido trabalhadas pelos pesquisadores, tendem a favorecer o colonialismo epistêmico, a supervalorização do estrangeiro e o questionamento sobre a validade e a legitimidade da produção do conhecimento local”. Essas demandas avaliativas do pesquisador acabam acirrando a precariedade subjetiva que, por sua vez, pode levar os pesquisadores a adotarem estratégias que facilitem a publicação (MAGNIN et al., 2020).

Para Silva (2019), o produtivismo acadêmico é um fenômeno multinível. Dessa forma, o produtivismo, para o autor, pode ter definido como “um ato performativo que institucionaliza uma forma de representação social de uma área de conhecimento, delimita um sistema de crenças e valores orientados para uma cultura performativa incorporada socialmente”, seja na ação dos agentes públicos ou privados, bem como no programas de pós-graduação, “e afeta as condições de trabalho, a saúde, o bem-estar e a carreira de professores que integram a comunidade da área” (SILVA, 2019, p. 350).

Diante dessa conceituação, Silva (2019) considera que o produtivismo é um fenômeno complexo e sistêmico, que influencia e é influenciado por vários agentes, como o governo, as instituições de ensino, os colegiados, coordenadores e professores de programas de pós-graduação. Apesar de possuir várias dimensões, a produção intelectual assume, no produtivismo acadêmico, um papel de maior valorização para boa parte da comunidade científica (SILVA, 2019). Segundo Patrus, Shigaki e Dantas (2018), há uma prioridade da pesquisa sobre o ensino no processo de avaliação da pós-graduação brasileira. Por isso, é preciso pensar e conceber um processo de avaliação que respeite a diversidade dos docentes

de um programa de pós-graduação, entendendo que cada um tem uma vocação, não apenas a de produção (PATRUS; SHIGAKI; DANTAS, 2018).

“O trabalhador-pesquisador reclama fazer mais do que quer ou pode. Critica, porém acata. Análises sobre produtivismo acadêmico responsabilizam, não sem razão, organismos internacionais e nacionais e o sistema vigente”, contudo, observa-se “mudanças escassas e resignação” (MACHADO; BIANCHETTI, 2011). Entendendo que é o capital que precisa dos pesquisadores para perpetuar seus propósitos, Machado e Bianchetti (2011) colocam que os pesquisadores estão em posição favorável para equilibrar as forças, a partir do conhecimento e ultrapassagem do estágio de alienação.

Apresentada a questão do produtivismo acadêmico, o texto segue para a apresentação sobre as más condutas de coautoria. Inicialmente, torna-se necessário entender como definir uma autoria de pesquisa. Rossoni (2018) traz que boa parte dos editores e periódicos aceitam a definição do International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE), descrita a seguir.

O ICMJE recomenda que a autoria seja baseada em 4 critérios:

1. Contribuições substanciais para a concepção ou desenho da obra; ou aquisição, análise ou interpretação de dados para a pesquisa; E
2. Elaborar o trabalho ou revisá-lo criticamente para o conteúdo intelectual importante; E
3. Aprovação final da versão a ser publicada; E
4. Ser responsável por todos os aspectos do trabalho, garantindo que questões relacionadas à exatidão ou integridade de qualquer parte do trabalho sejam devidamente investigadas e resolvidas (ICMJE, 2022, tradução nossa).

Somente se atendidas todos os 4 critérios que se pode considerar autor um contribuinte da pesquisa. Deve-se, apenas, agradecer aos contribuintes que não atenderem aos 4 critérios (ICMJE, 2022).

Um problema de má conduta que pode surgir, a partir do produtivismo acadêmico, mas não se restringindo a ele, é a coautoria cerimonial. Segundo Rossoni (2018), a coautoria cerimonial é quando um indivíduo é caracterizado como autor da pesquisa, mesmo sua contribuição tendo sido superficial ou inexistente. Apesar dessa má conduta, os coautores cerimoniais gozam do reconhecimento da publicação na comunidade científica (ROSSONI, 2018).

A coautoria cerimonial reside na proximidade entre os autores, sendo, assim, uma prática eficaz. Essa má conduta se manifesta com a inclusão do nome do professor orientador como coautor de pesquisas feitas pelos alunos por ele orientados na dissertação, mesmo que o professor não tenha dado pouca ou nenhuma contribuição à pesquisa. Além disso, essa má conduta se manifesta na inclusão de nomes de membros da banca ou de professores de disciplinas que exigem, como parte da avaliação, a elaboração de um artigo científico, bem como a inclusão de nome de professores com baixa produção (ROSSONI, 2018).

Ribeiro, Storopoli e Cunha (2019) analisaram a posição autoral nas pesquisas em Administração. Como resultados, os autores verificaram que a professores experientes e líderes de grupo de pesquisa têm atuado mais como gestor do artigo, aparecendo, assim, como último autor, do que como executor, que aparece como primeiro autor. A avaliação da CAPES, por não diferenciar a pontuação entre autor e coautores, traz benefícios e desvantagens. O benefício é que se evita comportamentos oportunistas na hora de definir a ordem de autoria. Contudo, há a desvantagem de não reconhecer os diferentes esforços na produção do trabalho científico (RIBEIRO; STOROPOLI; CUNHA, 2019).

Ferreira e outros (2020) compararam as motivações entre pesquisadores mais e menos prolíficos de Administração no Brasil no que tange à publicação em coautoria. Os autores verificaram que as principais motivações para publicar em coautoria são para melhorar a qualidade do artigo e em trazer mais conhecimento teórico para o trabalho. Os pesquisadores prolíficos, que ficam responsáveis por um trabalho mais intelectual da pesquisa, têm o “ônus” de ajudar os estudantes a lançarem as suas carreiras acadêmicas, bem como de conseguir emprego e estabilidade. Já os pesquisadores menos prolíficos, que geralmente ficam pelas atividades operacionais da pesquisa como coleta de dados, usam as coautorias para aprenderem com os pesquisadores mais experientes (FERREIRA et al., 2020).

Apesar de esses dois últimos estudos citados não abrangeram a questão de má conduta nas pesquisas, eles se mostram pertinentes por permitirem entender que os pesquisadores vêm atuando em coautoria, bem como os motivos para essa prática. Assim, por desconhecimento, ou até mesmo de forma intencional, os pesquisadores acabam atribuindo a autoria de suas pesquisas a professores que pouco contribuíram com a pesquisa em si, muitas vezes assumindo apenas um papel de avaliador.

Exposto esse referencial teórico, o artigo segue para a apresentação dos seus procedimentos metodológicos.

### **Procedimentos metodológicos**

Inicialmente, caracteriza-se a presente pesquisa. Quanto a abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Quanto à finalidade, trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa de campo (GIL, 2002). Considera-se que esse tipo de pesquisa permite o alcance do objetivo proposto, que é o de identificar os problemas de coautoria na pós-graduação, a partir da perspectiva dos discentes.

Para a obtenção do material empírico, optou-se por realizar entrevistas, por escrito, com estudantes ou egressos de cursos de pós-graduação de uma Universidade Pública de Minas Gerais. Ambas as escolhas se deram por conveniência. A escolha por realizar entrevistas por escrito se deu para evitar a exposição, dos pesquisadores e dos entrevistados, ao novo coronavírus, cujos casos voltaram a crescer na cidade onde o estudo foi realizado. Já o alcance dos entrevistados e o requisito de serem estudantes ou egressos da referida Universidade Pública se deram por dois motivos: o primeiro, foi a tentativa de facilitar a obtenção do material empírico, nesse primeiro momento do estudo; o segundo, foi a tentativa de ampliar o conhecimento da regionalidade acadêmica na qual os autores estão inseridos. Além disso, procurou-se abranger outros dois cursos de pós-graduação, além do de Administração: o de Ciências Contábeis e o de Educação.

As perguntas das entrevistas foram elaboradas a partir da literatura apresentada no referencial teórico, bem como a partir de discussões ocorridas em sala de aula, durante a disciplina Epistemologia em Administração, cursada no primeiro semestre de 2022 por um dos autores. O questionário foi criado a partir do aplicativo Forms, da Microsoft. No Quadro 1, apresenta-se as questões utilizadas nas entrevistas. Com exceção da pergunta 9, todas as questões eram de respostas obrigatórias. No início do questionário, apresentou-se o objetivo da pesquisa e a autorização do respondente, a partir da sua participação, na utilização de excertos da sua entrevista na apresentação dos resultados.

Após a elaboração, o questionário ficou disponível por 31 dias (02/06 a 03/07) pelo seguinte link: <https://forms.office.com/r/qW0d08gyrE>. Este foi enviado diretamente a 3

respondentes, sendo um de cada curso de interesse, e, a eles, foi pedido para enviar o link para outros estudantes da Universidade Pública.

**Quadro 1 – Perguntas do questionário**

1. Qual o seu curso de pós-graduação? Considere o último curso, em andamento ou concluído. <input type="checkbox"/> Administração <input type="checkbox"/> Ciências Contábeis <input type="checkbox"/> Educação
2. O curso: <input type="checkbox"/> Está em andamento. <input type="checkbox"/> Já concluí.
3. O ingresso/conclusão do último curso se deu nos últimos cinco anos (de 2017 a 2022)? <input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não.
4. Sobre o produtivismo científico, ele é incentivado, de certa forma, pelo seu PPG? E pelo professor orientador?
5. Sobre as pesquisas submetidas/publicadas em eventos ou periódicos, elas tiveram coautoria de professor (orientador ou não)? Se com coautoria de professor, por qual motivo?
6. O professor coautor realmente foi pesquisador desses artigos? Ou ele assumiu uma postura de avaliador?
7. Já presenciou ou praticou alguma conduta que considera inadequada, durante uma pesquisa científica? Quais? Se foi você que praticou, o que te levou a praticar?
8. De uma forma geral, por que a má-conduta existe na pós-graduação?
9. O espaço abaixo é opcional, para se tiver algo que queira acrescentar e que não foi abrangido pelas perguntas orientadoras acima.

Fonte: elaborado pelos autores.

A análise dos resultados seguiu as seguintes categorias, definidas *a priori*: o incentivo ao produtivismo científico; atuação do professor nas pesquisas de coautoria; más condutas presenciadas ou praticadas na pós-graduação; motivos da existência de má conduta de coautoria na pós-graduação.

## Resultados

### Descrição dos respondentes

Em 31 dias de disponibilização, o questionário teve 6 respondentes, sendo: 3 do curso de Administração; 2 do curso de Educação; e 1 do curso de Ciências Contábeis. Dos 6 respondentes, 3 ainda estão com o curso em andamento, e os outros 3 já concluíram o curso. Além disso, apenas 1 respondente não ingressou ou concluiu o curso nos últimos cinco anos (de 2017 a 2021).



## **O incentivo ao produtivismo científico**

Sobre o incentivo ao produtivismo científico, os estudantes/egressos trazem que este é incentivado pelos seus respectivos programas de pós-graduação.

Sem dúvida, o produtivismo em Administração é incentivado pelos PPGs. Afinal, eles precisam de produção científica, de 'divulgar' o nome da instituição nos eventos, nos periódicos. Até mesmo a forma como, nas disciplinas, os estudantes são avaliados, percebe-se essa 'necessidade' de ter muita quantidade de publicação. Eu não tive uma disciplina, na pós-graduação, com o professor orientador. Nossa relação foi unicamente para a pesquisa da dissertação e, só ao final, que publicamos artigos oriundos dessa pesquisa final. Contudo, nas disciplinas cursadas na pós-graduação, em todas foi exigido fazer, como critério de avaliação, um artigo científico, visando publicação. O exercício de fazer pesquisa é importante, ainda mais quando não se teve essa iniciação ainda na graduação. Mas querer um artigo pronto para publicação, em pouco mais de 3 meses de disciplina, com afazeres de outras disciplinas, além da pesquisa da dissertação, não é só incentivar o produtivismo, mas também incentivar pesquisas ruins (E3 – PPG em Administração).

Sim. Meu orientador sempre incentiva publicar em revistas e congressos (E4 – PPG em Ciências Contábeis).

Na época em que estudei, o produtivismo científico não era incentivado pelo Programa de Pós-Graduação em que fiz o meu curso, embora o meu orientador tenha recomendado transformar a minha dissertação em produtos publicáveis (E6 – PPG em Educação).

Os excertos indicam que o produtivismo é mais uma pressão do programa de pós-graduação do que do professor orientador, o que vai ao encontro do apresentado no referencial teórico, especialmente por Alcadipani (2011) e Mourad (2021), no que tange à avaliação desses cursos.

## **Atuação do professor nas pesquisas de coautoria**

Quanto a coautoria de professores nas pesquisas realizadas na pós-graduação, os respondentes relatam que todas ou a maioria das pesquisas foram feitas e publicadas com

coautoria de professor, orientador ou não, sendo, inclusive, uma das exigências do professor da disciplina.

As pesquisas realizadas em disciplinas, apenas uma foi submetida á um evento com o nome do professor da disciplina. A coautoria se deu por uma exigência/condição de aprovação na disciplina que: era a submissão do artigo com o nome do professor. Destaco que, as outras pesquisas não foram submetidas e posteriormente publicadas com o nome dos professores das disciplinas, porque não concordo com essa prática de ter que colocar o nome do professor se ele não contribuiu. Mais ao todo momento no meu PPG somos incentivados a submeter com os professores (E1 – PPG em Administração).

Todos foram com coautoria do orientador e o da tese com membros da banca também (E4 – PPG em Ciências Contábeis).

Algumas tiveram coautoria do orientador, mas não todas, e isto se deu porque, pela nova regulamentação, é necessária publicação com mais de uma autoria, podendo ser com o orientador, com outro professor do Programa de Pós-Graduação ao qual me vinculo, ou com outro estudante do curso (E5 – PPG em Educação).

Pelos relatos, percebe-se que a questão de coautoria de professores é uma prática incentivada pelos programas de pós-graduação, por conta dos critérios de avaliação aos quais são submetidos, indo ao encontro do que Silva (2019) discute.

### **Más condutas presenciadas ou praticadas na pós-graduação**

Os respondentes relataram condutas que consideram inadequadas nas pós-graduação.

Essa questão de fazer artigo em disciplina e colocar nome do professor é, para mim, muito inadequada (E2 – PPG em Administração).

[...] Outra prática, é colocar o nome de outro professor que não tem nada haver com a pesquisa, só porque é amigo do professor da disciplina (E1 – PPG em Administração).

Considero inadequada essa prática de produzir muitos artigos em pouco tempo e colocar o professor como coautor, uns até exigem isso. Para a gente conseguir a aprovação na disciplina, procuramos fazer os artigos em dupla ou trio, mas, pela quantidade, acaba que cada um fica responsável por se dedicar mais a um artigo. Fora que esses artigos, tirando o mérito de ajudar no exercício da escrita e da pesquisa, pouco contribuem para a pesquisa da

dissertação. E, se contribui, ou tiver alguma relação entre as pesquisas, somos incentivados a chamar o orientador para ser coautor, que também só vai avaliar o artigo pronto, fazer sugestões (E3 – PPG em Administração).

Nunca pratiquei pelo que saiba. Mas orientadores são mestres em convidar estranhos para colocarem o nome no artigo só porque participaram da banca. Considero isso inadequado. Outra postura que considero inadequada é o orientador forçar o orientando para publicação. Já presenciei isso. Considerando que eram artigos extras (sem ser os obrigatórios). Além de quererem forçar publicações internacionais só para elevaram seu currículo (E4 – PPG em Ciências Contábeis).

[...] Já vi casos de discentes que não cumpriam os requisitos mínimos para a obtenção de bolsa, e, mesmo assim, receberam-na, não tendo sido punidos, mesmo depois de eu impetrar denúncia sobre o ocorrido (E5 – PPG em Educação).

Já soube de casos próximos de plágio, mas que só foram revelados no dia da defesa da Dissertação de Mestrado, o que, evidentemente, levou à reprovação da estudante. Além do plágio, considero, como inadequada, a postura da orientadora, que deveria ter acompanhado a escrita do trabalho, e, portanto, detectado o plágio antes da defesa, evitando, assim, um constrangimento que, invariavelmente, denota certa fragilidade do papel dela institucional como professora-orientadora (E6 – PPG em Educação).

Nessa categoria de análise, identificou-se, como má conduta na pós-graduação, a questão da coautoria cerimonial, como citada por Rossoni (2018). Pelos relatos, os professores orientadores acabam convidando, para ser coautores da pesquisa, outros professores dos quais são próximos ou membros da banca de defesa do trabalho final, cujas motivações, embora aqui não exploradas, podem estar de acordo com o que foi levantado na pesquisa de Ferreira e outros (2020).

Outras más condutas também foram citadas, como o *feedback* de professor de disciplina cujo escopo de pesquisa não tem a ver com a dissertação/tese que foi avaliada, constrangendo o estudante perante aos demais, além de questões de fraude, como plágio e recebimento indevido de bolsa de estudos.

### **Motivos da existência de má conduta de coautoria na pós-graduação.**

Na perspectiva dos respondentes, houve um consenso de que os critérios de avaliação dos cursos acabam pressionando os professores a incentivarem e a praticarem más condutas,

estando isso consonante com Alcadipani (2011), Patrus, Shigaki e Dantas (2018), e Magnin e outros (2020).

Eu acredito que é algo que já está enraizado e o famoso "jeitinho brasileiro". Em específico, no meu programa eu vejo também como uma disputa de ego. As pessoas precisam ao todo tempo está sempre se reafirmando como quem tem mais artigos publicados, isso e aquilo, então usa do seu status para praticar a má conduta (E1 – PPG em Administração).

Os critérios de avaliação dos cursos levam aos alunos e professores a ter essas más-condutas (E2 – PPG em Administração).

A própria estruturação da pós-graduação, na avaliação dos estudantes e na avaliação dos programas, leva professores e estudantes a praticarem má-conduta em suas pesquisas. A questão de coautoria é o que mais me deixa inquieto, embora, durante o curso, eu não ter tido a coragem - se é que pode chamar assim - de me opor a isso (E3 – PPG em Administração).

Porque os docentes são forçados a terem publicação e acabam forçando seus orientandos para conseguirem. É como se os orientandos fossem o meio/instrumento (E4 – PPG em Ciências Contábeis).

Acredito que a má-conduta, na pós-graduação, reflete uma característica estruturante da sociedade brasileira, que é a de dar-se um jeito para qualquer coisa, quando se quer que esta saia de uma determinada maneira. Portanto, a má-conduta chega a ser uma condição sine qua non, para o contexto da pós-graduação brasileira. Basta ver quantas universidades públicas são endogâmicas, isto é, formam pessoas que, curiosamente, são aprovadas para trabalhar na instituição em que se formou. Com isto, quebra-se qualquer tipo de credibilidade das pesquisas, ao atermo-nos ao contexto do percurso dos orientadores e da estruturação dos Programas de Pós-Graduação (E5 – PPG em Educação).

No Brasil, a pós-graduação é muito nova, se compararmos com outros países que possuem séculos de ensino superior. Então, a má-conduta existe, porque ainda não se sabe fazer, no Brasil, uma pós-graduação de fato. É óbvio que existe, também, uma má-vontade em fazer as coisas direito, dentro dos regulamentos, mas a ciência brasileira ainda engatinha. Assim sendo, a questão viraria outra: será que a pós-graduação brasileira existiria e existirá sem más-condutas? Eu acredito que dificilmente, porque ela se tornou um antro de corrupção, de pessoas preguiçosas interessadas em tão-somente melhorar os seus salários e os seus status sociais. Só. (E6 – PPG em Educação).

Apresentado os resultados da pesquisa, estando eles em concordância ao que foi levantado na literatura, o artigo segue para as considerações finais.

## Considerações finais

Os resultados da presente pesquisa permitem considerar que o objetivo geral foi alcançado. Por meio deles, identificou-se que, na pós-graduação da Universidade Pública de interesse, há o problema de coautoria cerimonial, cuja má conduta parte, principalmente, dos professores, que incentivam seus estudantes a publicarem artigos tendo aquele como coautor, mesmo quando ele teve apenas um papel de avaliador, ou quando os professores orientadores convidam membros da banca para serem coautores dos artigos oriundos da dissertação ou tese.

Diante desse exposto, é pertinente ressaltar que esse não é um problema exclusivo da Universidade Pública onde os respondentes estão ou estiveram vinculados. Os resultados indicam que essa má conduta, presente em três cursos de pós-graduação diferentes, é um problema maior, ou, como descrito por Silva (2019), um problema multinível.

Essa pesquisa apresentou limitações, no que tange ao alcance de respondentes. As restrições colocadas na tentativa de facilitar a participação não se concretizou, pelo menos no primeiro momento. Contudo, reitera-se que este é um estudo em andamento, e novas entrevistas podem ser obtidas, de modo a superar essa limitação, bem como aumentar e aprofundar o material empírico para análise.

Considera-se, ainda, que as vivências na pós-graduação influenciam, intimamente, as percepções dos estudantes ou egressos sobre o seu curso. Explorar essa vivência é uma sugestão para entender, de forma mais ampla, as suas perspectivas sobre a má conduta praticada na pós-graduação, seja por ele mesmo, pelos seus colegas ou por professores, bem como seus mecanismos de resistências diante da relação desigual com o programa de pós-graduação.

## Referências

ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 4, p. 1174-1178, 2011.

FERREIRA, M. P. et al. Publicando em coautoria: uma comparação das motivações entre pesquisadores mais e menos prolíficos de Administração no Brasil. **RAEP – Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 21, n. 2, p. 56-88, 2020.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas? In: \_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Cap. 4, p. 41-58.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF MEDICAL JOURNAL EDITORS (ICMJE). **Defining the role of authors and contributors**. Disponível em: <https://www.icmje.org/recommendations/browse/roles-and-responsibilities/defining-the-role-of-authors-and-contributors.html>. Acesso em: 03 jul. 2022.

MACHADO, A. M. N.; BIANCHETTI, L. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 3, p. 244-254, 2011.

MAGNIN, L. S. L. T. et al. Produtivismo na pós-graduação em Administração: posicionamentos dos pesquisadores brasileiros, estratégias de produção e desafios enfrentados. **REAd – Revista Eletrônica de Administração**, v. 26, n. 2, p. 265-299, 2020.

MAGNIN, L. S. L. T.; FARIA, J. H.; PETEAN, G. H. Avaliação científica e subjetividade: o “artigo-comprimido” como síntese de uma produção científica alienante. **Revista Gestão & Conexões**, v. 11, n. 1, p. 8-37, 2022.

MOURAD, A. I. Produção e reprodução acadêmica: o produtivismo e a lógica gerencialista na pós-graduação em Administração. **RAD – Revista Administração em Diálogo**, v. 23, n. 2, p. 1-6, 2021.

PATRUS, R.; SHIGAKI, H. B.; DANTAS, D. C. Quem não conhece seu passado está condenado a repeti-lo: distorções da avaliação da pós-graduação no Brasil à luz da história da Capes. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, n. 4, p. 642-655, 2018.

RIBEIRO, L. D. R.; STOROPOLI, J. E.; CUNHA, J. A. C. Coautoria em Administração: uma análise da posição autoral. **Desenvolvimento em Questão**, v. 17, n. 48, p. 52-70, 2019.

ROSSONI, L. Editorial: Produtivismo e Coautoria Cerimonial. **RECADM – Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 17, n. 2, p. 1-8, 2018.

SEVERIANO JUNIOR, E. et al. Produtivismo acadêmico e suas consequências para a produção científica na área de Administração. **REAd – Revista Eletrônica de Administração**, v. 27, n. 2, p. 343-374, 2021.

SILVA, A. B. Produtivismo acadêmico multinível: mercadoria performativa na pós-graduação em Administração. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n. 5, p. 341-352, 2019.